



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO – TCC (2º S 2017)
ANEXOS



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

FELIPE MATOS BAMBACE

DESVENDANDO O CANDOMBLÉ

SÃO PAULO
2º SEMESTRE - 2018



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO – TCC (2º S 2017)
ANEXOS



FELIPE BAMBACE

DESVENDANDO O CANDOMBLÉ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Thomaz

SÃO PAULO

2018



Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Seu conteúdo e abordagem são de total responsabilidade de seu autor.



Link para produto audiovisual:

<https://youtu.be/pmYNW1Oa44o>

Publicado em 16 de novembro de 2018



Agradecimentos

Com enorme apreço e estima, dedico este trabalho primeiramente aos pilares que contribuíram integralmente no meu desenvolvimento acadêmico e humano: minha família. Imensuravelmente grato por todo carinho, aprendizado e paciência. Toda grande construção precisa de um bom alicerce. Graças aos Orixás, tive a oportunidade de ter acesso aos melhores materiais e nivelado com o amor mais puro que o ser humano pode ter com o outro. Não esquecendo também de todos que participaram, depositaram confiança em mim para a criação de um material original, que pudesse falar por todos os candomblecistas, que lutam todos os dias em busca de voz frente às esferas públicas e também que desejam o reconhecimento e o fim da intolerância religiosa. Este produto foi feito para vocês. Muito obrigado. Axé!



Resumo

Em condições de prisioneiros de guerra no Brasil durante o período escravocrata, os africanos mantiveram suas convicções religiosas mesmo após a tentativa de doutrinação da Igreja Católica. Estabeleceram conexões e compartilharam conhecimentos, entre eles, de cunho religioso. Essa troca de informações, práticas e culturas cristalizou o surgimento de uma nova crença, em que a fé em diversas divindades alinhada a busca pelo bem-estar energético eram prioridades. Nasce uma religião em meio ao ambiente de desigualdade e intolerância. A formalização do candomblé ao longo dos anos herdou alguns aspectos históricos culturais importantes. Só que com ela, vieram também os estereótipos. Até hoje, candomblecistas sofrem com a intolerância religiosa e lutam diariamente por respeito, reconhecimento, busca por representatividade e direitos na esfera pública.

Palavras-chave: candomblé; religião; intolerância; preconceito; escravidão



Abstract

Under conditions of prisoners of war in Brazil during the slave-holding period, africans maintained their religious convictions even after the attempted indoctrination of the Catholic Church. They established connections and shared knowledge, among them, of a religious nature. This exchange of information, practices and cultures crystallized the emergence of a new belief, in which faith in several deities aligned the search for energy well-being were priorities. A religion is born amid the environment of inequality and intolerance. The formalization of candomblé over the years has inherited some important historical cultural aspects. But with her, came stereotypes as well. To this day, candomblecistas suffer from religious intolerance and fight daily for respect, recognition, search for representativeness and rights in the public sphere.

Keywords: candomblé; religion; intolerance; preconception; slavery



1. Sumário

Introdução.....	8
Referencial Teórico.....	10
Desenvolvimento	13
Considerações Finais.....	19
Referências Bibliográficas.....	21
Cronograma.....	22
Apêndice.....	23



2. Introdução

“Candomblé significa reunião de pessoas para saudar os seus Orixás. É uma religião de origem africana cultuada por diversos povos com seus idiomas e valores” (CELESTE, 2010, p. 3). A história desta religião está enraizada no Brasil e na África. Os africanos, estes que vieram para o país sul-americano principalmente pela Nigéria, Angola e Congo, trouxeram conhecimentos, conceitos específicos de cada região.

Cada tribo, população de uma determinada localidade da África, possuía uma crença em um Orixá, isto é, em uma força da natureza (terra, ar, água). Com o envolvimento dos africanos no Brasil, houveram trocas de informações, valores, ideias. A junção de tudo resultou no candomblé.

Já na época da escravidão, a religião não era vista “com bons olhos”, conforme explica José Celeste, em “Noções do Candomblé”. O repúdio dos senhores de engenho pela crença de seus escravos existia devido ao medo do desconhecido. O preconceito religioso com o candomblé se instalava no começo de sua existência.

“O Brasil tem um histórico de negação das tradições não-cristãs. Essa negação não é exatamente da religião, mas do valor de todas as tradições de matriz africana. Na verdade, para nós, é racismo” (EUCLENIO, 2015, p. 1). “Fui humilhada, xingada e excluída em muitas situações, mas a fé na minha religião só aumentou. Temos orgulho de ser do candomblé” (RAMONA, 2012, p. 2).

O preconceito racial iminente na sociedade brasileira é um dos fatores de rejeição ao candomblé. O idioma incomum, as práticas religiosas completamente diferentes, o local de reza, vestimenta contribuíram para uma imagem estereotipada, esta muitas vezes associada ao satanismo.

Existe uma preocupação dos candomblecistas de tentar apresentar melhor o candomblé, com o objetivo de quebrar com o preconceito e conscientizar a sociedade que a religião deve ser tolerada e respeitada.

O fim deste projeto foi desvendar a religião, mostrando, por meio de um documentário, o que é o candomblé, com todas suas crenças e história. Seriam os crentes desta religião realmente pessoas mal-intencionadas?



O trabalho buscou responder essa pergunta ao longo do estudo, como também procurou explicar o candomblé como uma religião que se aproxima ideologicamente de culturas e civilizações antigas, como os maias e celtas, e está completamente em um paralelo com dogmas católicos.

Existe-se uma ideia que precisa ser desconstruída de que o candomblé é uma religião que tem práticas e cultos católicos, crença em santos e entidades que um dia viveram e se tornaram figuras de louvor, mistificadas. Mas os indícios tangem para lado de que religião sempre se manteve enraizada nos preceitos advindos da África, ideologias voltadas para a crença na Força da Natureza, nas energias elementares.

Para explicar isso, o estudo contou com referenciais bibliográficos das obras do adido cultural e sacerdote José Celeste, do fotógrafo e etnólogo autodidata franco-brasileiro, Pierre Edouard Verger, do escritor Volney Berkenbrock além de outros estudiosos do caso.

A realização deste estudo foi no formato de documentário com a finalidade de proporcionar, com a linguagem audiovisual (produto quente de comunicação) a interação, envolvimento e entendimento do material “candomblé” pelo telespectador.

As casas de candomblé “*Atim Lembá Furenganga*”, “*Atim Lembá Furenã*” e “*Ilê Asé Edún Ará Okúm*”, na Zona Sul da capital de São Paulo, além dos templos religiosos “*Ilê Asé Oyá Onira*” e “*Ilê Olà Omi Asé Opô Aràkà*”, interior de São Paulo e “*Ilê Axé Oju Obá Kaossi*”, em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, foram utilizados como objeto deste estudo.

Vale ressaltar que a ausência de um aprofundamento jornalístico, midiático no caso candomblé permite as interpretações difusas e variadas a respeito da religião.

O jornalista é também um “formador de opinião”, um servidor da sociedade. Deve-se o cuidado com a transmissão da informação, pois o que é dito pelo jornalista, muitas vezes, é tomado como verdade irrefutável pela população. Portanto, a minuciosidade no trabalho com um determinado tema é fundamental para a geração de um conceito mais próximo da veracidade. Esta é a missão deste estudo, apresentar ao consumidor deste produto, um material clarificador e conteudista sobre o que é o candomblé.



3. Referencial Teórico

“O candomblé é uma religião que foi criada no Brasil por meio da herança cultural, religiosa e filosófica trazida pelos africanos escravizados.” (MAURÍCIO, 2009, p. 29).

Para falar dessa religião, primeiro, é preciso entender sua crença e história. O candomblé é originalmente da África. Isso porque suas ideologias advêm do conhecimento do africano, vindo de diversas regiões do continente para o Brasil.

“O candomblé angola legitimou desde cedo o culto dos caboclos brasileiros, que além de se constituir como rito independente, foi também incorporado lá pelos anos 30 e 40 do século XX por casas nagôs [...]” (PRANDI, 2001, p. 19).

Existem indícios que o candomblé, tal como conhecemos, é unicamente brasileiro. A religião absorveu crenças indígenas, devido ao contato entre o africano e índio, no período escravocrata. Por isso, é possível encontrar casas de candomblé com cultos a caboclos – entidades indígenas – e com rituais especialmente dos índios.

“O termo candomblé é traduzido com o sentido de reunião de pessoas para saudar seus Orixás, venerar as “energias da natureza”, que tem como base os elementos água, terra, fogo e ar”. (CELESTE, 2010, p. 10).

É uma religião politeísta, que acredita em uma energia superior denominada Olodumaré – na cultura de *Angola* – ou Olorum – palavra no *Ketu*. Desta energia universal emana os Orixás, as energias provenientes da Natureza.

O africano, vindo de cada região da África, tinha crença em uma “força da natureza”. Uma tribo podia louvar a energia “Sol”. Outra, a energia “Chuva”. A crença era na natureza como uma “divindade maior”. É para ela que os africanos rezavam e pediam para ter sucesso em colheitas, para evitar estiagens em um determinado período, por exemplo.

[...] a civilização Maia possui um extenso panteão de Deuses. O principal assim como em outras civilizações que dependem da agricultura para seu sustento foi a divindade Sol e haviam outros como: Lua, trovão, Água, dentre outros principais. (GAMA; OMENA, 2009, p. 5).

Nesse sentido, o conceito assemelha-se muito com ideologias de civilizações antigas, como os maias e celtas.

“A agricultura era o ponto forte da produção, e produziam principalmente o milho, havia até mesmo um Deus-Milho.” (GAMA; OMENA, 2009, p. 4). O primeiro, era crente em



deuses vinculados ao Sol, a Lua, às energias naturais. Sempre com o sentido de agradecimento ou pedido para que essa divindade natural fornecesse benesses aos crentes.

Os celtas viam a natureza e todas as suas características como algo vivo e sagrado. Seus deuses e deusas refletem essas crenças, pois praticamente todos eles estão relacionados a algum aspecto da natureza, como lagos, bosques, templos, montes sagrados. (QUADROS, 2010, p.1)

Não muito diferente, os celtas acreditavam no druidismo, isto é, divindades ligadas às forças naturais. Ainda, a crença em espíritos ancestrais, um forte apelo “xamânico”.

As casas de candomblé são classificadas de acordo com essa origem (Angola, Ketu e Gêge), e seus rituais, crenças e culto às suas divindades diferem de um grupo para o outro, considerando que existem traços comuns entre as nações. (BATISTA, 2014 , p. 59)

O candomblé pode ser dividido em três segmentos, ou seja, ter práticas e culturas religiosas divididas em três nações: *Ketu*, *Gêge* e *Angola*. Isso se deve a saída de africanos pelos portos de Ketu, na Nigéria, e Luanda, em Angola. A dominação do povo Daomé, na República do Benin, pelas tribos nigerianas, provocou a mistura de conceitos *Gêge* e *Ketu*, como se a última absorvesse e agregasse culturas da primeira.

Portanto, clarificando: as casas de candomblé podem ser originais da cultura *Angola*, *Ketu* ou *Gêge*. Todas elas seguem uma ideologia universal, o candomblé em si, e se diferem em detalhes, como alguns cânticos, batuques, idioma, um ou outro ritual e o culto de alguns Orixás.

Em decorrência das circunstâncias da escravidão, as trocas culturais entre esses grupos intensificaram-se e isso explica a notável ‘unidade’ espacial e lógica existente entre os terreiros de Candomblé desenvolvidos no Brasil, especialmente na Bahia. Estes possuem sempre uma mesma estrutura geral, embora apresentem diferenças especialmente vinculadas à língua usada no ritual, às divindades cultuadas e a alguns aspectos litúrgicos. (SANT’ANNA, 2008, p. 3)

As reuniões dos escravos no Brasil possibilitaram as trocas culturais e religiosas. Africanos oriundos do segmento de *Angola* puderam conversar e aprender sobre ideologias de outros, vindos da cultura *Ketu* ou *Gêge*, e vice-versa. Tais momentos favoreceram o começo do “assentamento” do candomblé, que passaria a ter uma ideia universal, e se diversificaria a partir dos conhecimentos das três nações.

“ O candomblé – bem como as outras religiões afro-brasileiras – é uma religião na qual as tradições são transmitidas oralmente. Não há nenhum texto que seja uma fonte ou que



tenha o status duma escritura sagrada.” (BERKENBROCK, 2007, p. 57).

Diferentemente de religiões tradicionais, como o catolicismo, possuidor da Bíblia, o judaísmo com a Torá e o islamismo com o Alcorão, o candomblé não tem um livro sagrado, nem um grande “nome religioso” – comparando com Jesus e Maomé, por exemplo. Ao longo dos séculos, o conhecimento, desde o primórdio, sempre foi passado de boca a boca.

Ainda que alguns sacerdotes – cargo máximo no candomblé – escrevessem os “cadernos sagrados” para maior absorção dos ensinamentos, o comum era a transmissão oral de informação. Muitas vezes, tal costume prejudicou a religião, já que muito do conhecimento se dissipava no tempo ou chegava ao outro com distorções, conteúdos desencontrados.

“A conversão (ao catolicismo) era simplesmente obrigatória, se é que podemos falar de conversão. E esta se resumia ao batismo. [...] O batismo era pois uma obrigação imposta pelo Estado.” (BERKENBROCK, 2007, p.97).

Tanto os indígenas, quanto os escravos africanos foram forçados pelos europeus a adotarem as práticas católicas, isto é, saber as rezas, dogmas da religião, crenças. Também eram obrigados a se catequizarem e jurarem a conversão para os padres.

Enquanto eram forçados às práticas religiosas destoantes das que estavam habituados, indígenas e escravos mantinham, sob sigilo, suas crenças, ideologias e religiosidade particulares.

A cristianização forçada dos escravos mostra de forma exemplar a atitude da sociedade branca (e católica) de então para com os africanos. Por um lado, os escravos eram obrigados a ser cristãos. Eram batizados, obrigados a participar dos ritos e comportar-se como católicos. Por outro lado, uma integração completa na comunidade de fiéis não era permitida, pois para isso não eram postos meios à disposição da catequese. (BERKENBOCK, 2007, p. 98-99)

Os portugueses no período escravocrata queriam inserir o africano à cultura católica, todavia, ao mesmo tempo, impedia-o de participar de ritos e festas do cristianismo. O foco principal do europeu era usufruir do trabalho do negro, e a religião ficava em segundo plano. Graças a falta de uma obrigação mais contundente de seguir ao catolicismo, os africanos puderam ter maior contato entre eles para trocas de conhecimentos, adquiridos em suas cidades de origem. Essa troca de informações, também de cunho religioso, proporcionaram a junção de “materiais”, que unidos, formariam, de forma embrionária, o candomblé.



4. Desenvolvimento

“Parte-se do postulado de que, para alguns, o documentário busca, ou tem como objetivo, estabelecer uma representação do mundo.” (RAMOS, 2010, p.3).

O formato de documentário foi o melhor para atingir o propósito deste trabalho. Isso porque, para o melhor entendimento do material “candomblé”, o uso da linguagem audiovisual possibilitou um maior envolvimento do telespectador com a obra.

Diferentemente de um trabalho manuscrito, o documentário mexe com áreas sensoriais da visão e audição, enquanto o livro se limita à visão. Enquanto este impulsiona a imaginação, aquele faz o público-alvo centralizar a informação na imagem apresentada, isto é, não há espaço para outras interpretações da linguagem imagética, a informação passada será associada a imagem mostrada.

A religião é extremamente ampla, recheada de conceitos e divergências conceituais. É preciso de uma imersão profunda no assunto para selecionar aquela informação mais próxima da realidade.

O “desvendar o candomblé” é justamente fazer um trabalho a fundo na religião. Abrir as portas do candomblé ao telespectador da forma mais pura possível, mostrar a verdadeira essência da religião, não apresentada ou mostrada com imperfeições pela mídia.

Alvo fácil de ironia, a noção do documentário como missão de servidor público, formando o cidadão e educando as massas, tendo sua razão de ser justificada numa produção incrustada no Estado, transforma-se no “cinema de papai e mamãe” para a nova geração. (NICHOLS, 2010, p. 12)

Existe-se um conceito pouco fundado e errôneo sobre “o que é o candomblé”. Também, a associação da religião com ideologias do catolicismo e até mesmo com a umbanda.

O contato do escravo africano com o europeu acabou favorecendo o sincretismo religioso, entretanto, o candomblé “puro como a palavra” não aderiu às práticas e dogmas católicos. Sobressaíram as crenças dos africanos em suas “energias naturais”, as forças da natureza. A junção de conhecimento desses africanos formou o candomblé.



É muito comum ouvir que umbanda e candomblé são a mesma religião. A questão é que a umbanda representa, justamente, o sincretismo afro-católico.

Nessa religião, os “Orixás”, isto é, as forças da natureza, são consideradas como santos, com a mesma ideologia católica, como um humano que nasceu, viveu entre nós e foi importante e marcante em determinado período.

Nas casas de umbanda, cultuam-se imagens de santos católicos, faz-se o uso de cânticos e rezas em português, misturando com rezas do catolicismo. Já o candomblé, tem seus conceitos originalmente africanos, sem relação nenhuma com a Igreja Católica. Cultua Orixás como elementos naturais e trabalha com palavras nos idiomas “yorubá/suali” e dialetos.

Outro ponto desvendado foi a imagem de “demonização do candomblé”. Há tempos, desde a época escravocrata, as danças, cânticos e rezas dos africanos causavam estranheza no europeu e até mesmo o “intimidava”. Para ele, aquela forma de manifestação representava algo “ruim”, pesado, associado a macumba e a magia negra.

O passar dos séculos não quebrou com o estereótipo. Algumas igrejas evangélicas, detentoras de 29% da população brasileira crente, segundo último levantamento do Datafolha, fazem o reforço da intolerância religiosa com as religiões afro-brasileiras.

Infelizmente, associam os cânticos africanos como palavras voltadas para a adoração ao diabo. Assemelham imagens de rituais, umbandistas e candomblecistas, como pregações para o culto do Satanás. E ainda escrevem livros intolerantes, como o “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?” do pastor Edir Macedo.

“Tais ações podem fomentar acontecimentos como os casos de agosto e setembro de 2017, no Rio de Janeiro, em que ocorreram depredações em série de casas de candomblé e umbanda” (G1, 2017, internet). Mais precisamente sete em dois meses.

Tendo em vista as questões mencionadas, eis a escolha do documentário como meio de transmissão de informação: por ser mais chocante e chamativo que outras “fontes”, devido a possibilidade do trabalho audiovisual, foi possível “tocar” emocionalmente e racionalmente o telespectador, além de fazer deste trabalho um instrumento educativo.

Para tornar este projeto em realidade, primeiramente, fiz uma pesquisa aprofundada das fontes que desejava entrevistar. Candomblecistas, para explicar fatos da religião, umbandistas, para esclarecer a diferenciação de conceitos entre



as religiões, e antropólogos para clarificarem a história do candomblé.

Ainda que eu tenha algumas facilidades de contatos, por conhecer casas de candomblé, a ideia foi expandir a pesquisa, até mesmo para fora do estado. Bahia e Rio de Janeiro também foram lugares visitados. Para isso, procurei a Federação Associativa de Umbanda e Candomblé (Abratu) para selecionar algumas casas de candomblé e umbanda desses estados que passariam pelo processo de estudo.

O contato não foi simples. As casas dessas religiões convergem em um comportamento mais reservado quando o assunto se trata de entrevistas para a produção do material de cunho “jornalístico-religioso”. Candomblecistas e umbandistas abordados mencionaram o descuido da mídia ao trabalhar na construção do enredo e na concatenação de ideias. De acordo com adeptos das respectivas religiões, os jornalistas acabam por produzirem conteúdos grosseiramente desconexos da realidade. Portanto, mesmo sendo ciente dessas ressalvas e ainda praticante da religião, muitas casas acabaram dificultando o contato.

A alternativa foi explorar minhas conexões com meio. Conversando com frequentadores de casas que eu já conhecia, pude ganhar novos contatos e, dentre eles, realizei uma peneira para selecionar aqueles de maior credibilidade. Logo, cada um foi pesquisado para identificação de popularidade e de proximidade com uma linhagem de pensamento teoricamente mais “próxima” dos ideais da religião.

Em São Paulo, mais precisamente no ABC paulista, existe um grande espaço de culto afro-brasileiro, englobando templos, monumentos e adereços, tanto do candomblé, quanto umbanda.

Através desse recinto, conheci o pai de santo Dimas dos Santos, que foi entrevistado com o propósito de diferenciar as duas religiões, ressaltando os conceitos singulares da religião umbandista. Em contrapartida, sacerdotes do candomblé fizeram seus depoimentos para reforçar e deixar nítida as disparidades. Os babalorixás Márcio Fachinetti, da casa *Ilê Asé Oyá Onira*, em Cotia, Roberto Santos, do *Ilê Asé Edún Ará Okúm*, na Zona Sul de São Paulo, e Carlos Junior, do *Ilê Olà Omi Asé Opô Aràká*, em São Bernardo do Campo, todos da linhagem de *Ketu* – nação do candomblé – também foram entrevistados.



Primeira pergunta que foi respondida no trabalho: o que é o candomblé? Para isso, sacerdotes, ekedis e axoguns – cargos no candomblé – de casas cariocas, fluminenses e paulistas entraram no documentário fazendo suas declarações. Em São Paulo, duas casas da linhagem de *Angola*, *Atim Lembá Furenã*, em Parelheiros, e *Atim Lembá Furenganga*, em Pedreira, foram entrevistadas.

Vale ressaltar o comportamento afetivo das casas que abriram as portas para entrevista. Tive grande acesso e liberdade para realização de imagens, o que engrandeceu a peça e deu exclusividade a alguns tópicos do meu trabalho. É importante registrar também algumas diferenças nas práticas candomblecistas de cada casa, mesmo estas sendo advindas de uma mesma nação. O que é possível concluir ainda mais que se existem “formas de candomblé” e não um candomblé singular, com todos os dogmas estabelecidos.

Cada casa segue os preceitos aprendidos por gerações mais antigas de suas próprias “famílias” e acabam contribuindo para a manutenção de um conhecimento particular, passado de forma oral, mas não desconectado totalmente em questão de conduta religiosa, quando comparado com outras casas. Elas convergem em crença, ideologia, idioma, cultos e até mesmo alguns rituais, o que possibilita a classificação dessas casas como uma única fé que o candomblé.

Antes mesmo da primeira pergunta ser respondida, o trabalho apresentou imagens de áreas naturais, isto é, pontos do interior ou litoral das cidades de São Paulo, Bahia e Rio de Janeiro, justamente para apresentar a relação “candomblé-natureza”.

A sacerdotisa Regina Souza, da casa *Atim Lembá Furenganga*, abriu “as portas do documentário”. Ela citou a frase: “Que bom que você chegou! Venha, venha conhecer o candomblé”. Enquanto ela fala, ao mesmo tempo, Regina vai abrir o portão da casa *Furenganga*, para dar a ideia de abertura do documentário.

Após as falas de sacerdotes e nomes importantes de cada casa entrevistada para a primeira pergunta, as vozes dos entrevistados foram intercaladas e adicionadas de novos entrevistados. Para aproximar o telespectador do tema e quebrar com uma possível monotonia do documentário, foi utilizado o recurso de mudança de enquadramento, intenso trabalho de imagens de apoio, com as mais vívidas cores e melhores ângulos, sobre som de músicas festivas típicas do candomblé alinhadas a outros ritmos musicais, como samba e até mesmo rap, que tinham letras relacionadas com cada tópico abordado.



A segunda questão foi apresentar o candomblé como uma religião que visa a crença na energia natural, algo similar com a cultura maia, celta e até mesmo budista. Neste momento, antropólogos ganharam espaço no trabalho, juntamente com o *axogun* do *Atim Lembá Furenã*, Sergio Almeida.

Responsável por executar os rituais sagrados, ele explicou a associação das energias da natureza com o candomblé, estando inserido no meio natural, em um parque, da Zona Sul de São Paulo e, em outro momento, em Campos do Jordão, município do estado de São Paulo. Fez questão de salientar que a crença da religião está muito mais ligada a busca do equilíbrio energético e ao antropocentrismo, do que a um Deus único que intercede na vida do ser humano.

O objetivo do trabalho foi mostrar o candomblé do jeito que realmente é. Conceitos básicos da religião foram apresentados nas vozes de candomblecistas, como a crença nos Orixás, oferendas, características gerais da religião e história.

Neste momento, realizou-se uma conexão da religião com o seu passado. Antropólogos do Rio de Janeiro da Universidade Federal Fluminense, Leonardo Vieira e Rosiane Rodrigues, foram acionados para explicar como o candomblé surgiu, e dizer também a contribuição que o período escravocrata deu, de certa forma, para o surgimento da religião como conhecemos.



Após isso, no próximo tópico, a abordagem foi a quebra de conceitos: a diferenciação de candomblé e umbanda. Para a explicação, foram entrevistados candomblecistas e umbandistas em suas casas.

Para aproximar o telespectador da vida no candomblé, o documentário apresenta momentos das festas religiosas, desde os preparativos até o pós-festa. O propósito foi quebrar com a ideia de “demonização do candomblé”, comprovando que a religião não tem relação com os boatos, estereótipos já enraizados na cultura brasileira sobre religiões de matriz africana.

Outro ponto tocado foi a questão do sacrifício animal. O candomblé é uma religião que pega e consome o que a natureza lhe oferece. Ideologia próxima de “vida de fazenda” ou até mesmo de indígenas.

O método de sacrifício animal no candomblé é elaborado de uma forma para que o animal não sofra, diferentemente do que abordam livros e boatos populares. O documentário explicou isso através das falas de Sergio Almeida, encarregado de executar esse modelo de ritual na casa *Atim Lembá Furenã*, além do trabalho de imagem de alimentos do candomblé e animais diversos.

Depoimentos sobre intolerância também foram apresentados. Sacerdotes que sofreram repressões religiosas e tiveram também suas casas atacadas, depredadas, ganharam espaço por meio de vídeos postados em rede social. Rogério Silva, *babalorixá* do *Ilê Axé Oju Obá Kaossi*, e o antropólogo Leonardo Silva contaram histórias de intolerância e violência, além de trazerem relatos sobre como o “povo de santo” se mobiliza para buscar as garantias de direitos como religião na esfera pública.

Por fim, o candomblé como “religião”. Nesta etapa final, o documentário trouxe, por meio de entrevistas, imagens e sobre sons, pequenas mensagens com finalidade de conscientização sobre a importância de respeitar a diversidade religiosa.

Para encerramento, imagens lentas de pessoas dançando, crianças rezando, sacerdotes abençoando, acompanhadas de um cântico do candomblé, na voz de Sergio Almeida.

É importante destacar que as casas de candomblé escolhidas para estudo têm excelente classificação na Federação Associativa de Umbanda e Candomblé e, portanto, vistas com credibilidade.



5. Considerações finais

O candomblé é uma religião mística. Enveredar nesse mundo com o olhar jornalístico foi uma experiência única e completamente encantadora. Há muitas portas e serem exploradas dentro da religião. Cada uma guarda um segredo formidável e intrigante.

Nunca saberemos o que é em si o candomblé como todo. Como estudado e constatado neste trabalho, a transmissão de conhecimento entre os candomblecistas sempre foi pela via oral, como é característico de religiões provenientes de culturas tribais. Nesse processo de troca de informações entre gerações, muito conteúdo se perdeu e/ou se transformou. Portanto, é impossível dizer que exista um detentor de todos os dogmas da religião, já que ela está em constante modificação.

Todavia, essas mudanças não ferem o conceito maior de candomblé. Mesmo sem um livro sagrado que dita as regras, como podemos constatar nas religiões mais tradicionais, as casas de candomblé convergem curiosamente em um ponto central de crença e até mesmo em idioma, toques e alguns rituais. Apesar de não existir uma interação mais estreita entre as casas, nós podemos identificar semelhanças entre a forma de fazer candomblé em cada uma. Como mencionado no documentário, o antropólogo Leonardo Vieira salienta que existem “candomblés” e não “candomblé”. Claro, cada família, nação terá sua receita particular. Mas esse não é motivo para desanexar determinada casa do grupo maior religioso, que é o candomblé.

Em razão dessa variável e de muitas outras, torna-se um trabalho complexo de definir o que é o candomblé de fato. Sem ignorá-las e após uma pesquisa extremamente minuciosa, ouvi depoimentos de candomblecistas e especialistas do assunto. O documentário, por motivos já explanados neste material, foi a mídia escolhida para atingir meu objetivo: deixar a religião às claras e quebrar estereótipos.

Construir uma narrativa intercalando vozes que, muitas vezes, compartilhavam visões diferentes, virou um desafio. Enquanto eu queria criar concepções concretas, o meio apresentava versões distintas e me coloca em questionamento. Ao longo do estudo, aceitei que acharia diversas respostas para uma pergunta. Cabia ao jornalista mensurar o material e, a partir de estudos e aprofundamento, desenhar uma linha de pensamento.



A escolha das casas a serem estudadas também não foi fácil. A entrevista gerava um comportamento de desconforto dos candomblecistas, inclusive das casas mais tradicionais. O material jornalístico nesse segmento não é visto com bons olhos. Essa forma de pensar pelos candomblecistas e umbandistas ficou mais forte após a veiculação de materiais midiáticos que, no ponto de vista dos religiosos, estavam incoerentes e até mesmo afrontavam alguns preceitos. Por isso, algumas fontes interessantes preferiram não manifestar opinião.

A questão de ter maior aproximação com a religião ajudou no contato. Por meio de conexões que eu já tinha com meu objeto de estudo, angariei outros personagens e alguns de casas renomadas. Após uma pesquisa, aquelas de maior credibilidade foram selecionadas. Essas que abriram as portas, gostaram da ideia do produto e deram maior liberdade para realização de imagens e entrevistas.

O estudo proporcionou aventuras. No estado de São Paulo, o trabalho foi feito em São Bernardo do Campo, Cotia, Campos do Jordão e Zona Sul da capital. Já no Rio de Janeiro, Nova Iguaçu e também a capital, com destaque para Cidade de Deus, em entrevista com a antropóloga Rosiane Rodrigues. Por fim, na Bahia, a visita foi em Salvador e Praia do Forte. Cada cidade e entrevista trouxeram uma experiência nova e enriqueceram minhas ideias para este trabalho. Ao todo, pude coletar conteúdo para uma hora e meia de documentário.

Roteiros e mais roteiros foram feitos, refeitos, esquematizados visando a maior fluidez da peça e levando em conta o grau de relevância de cada tópico abordado. A seleção deixou muito conteúdo para trás, em que gostaria de acrescentar em um futuro documentário com maior profundidade.

O recorte e o tempo limitado prejudicaram a realização de um material mais rico. Ainda que tenha alcançado meu objetivo, que era apresentar o candomblé como ele é, o produto final ficou superficial. Claro, é impossível falar de qualquer religião em 25 minutos, mas fico orgulhoso que, um projeto pensado antes mesmo do início do curso, hoje, é realidade.



6. Referências Bibliográficas

MAURÍCIO, George. *O Candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon*. 1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

BERKENBROCK, Volney J. *A experiência dos Orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no Candomblé*. 3 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PRANDI, Reginaldo. *Os Candomblés de São Paulo*. Ed de 2001. São Paulo: Hucitec, 1991.

CELESTE, José. *Noções de Candomblé*. 1 ed. São Paulo, 2010.

RAMOS, Eurico. *Revendo o Candomblé: respostas às mais frequentes perguntas sobre a religião*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2011.

QUADROS, Claudia. *A Magia Sagrada dos Celtas*. Rio de Janeiro, 2010.

GOSPEL. *Número de evangélicos no Brasil não para de crescer; Confira os números do Datafolha*. 2016.

SANT'ANNA, Márcia. *Escravidão no Brasil: os terreiros de Candomblé e a resistência cultural dos povos negros*. 1 ed. Rio de Janeiro.

G1. *Polícia do RJ investiga ataques a terreiros de umbanda e candomblé*. 2017.

BATISTA, Milena Xibile, *Angola, Jeje e Ketu: memórias e identidades em casas e nações de Candomblé na região metropolitana da Grande Vitória (ES)*. Vitória, 2014.

GAMA, Leandro; OMENA, Silva. *O povo dos céus e suas profecias: os Maias e sua escatologia*. Rio de Janeiro, 2009.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. 5 ed. São Paulo, 2010.

RAMOS, Fernão Pessoa. *O que é Documentário*. 1 ed. Campinas, 2011.



7. Cronograma

Atividade	2018											
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	dez
Levantamento bibliográfico	X	X										
Escolha do orientador		X										
1ª Reunião com orientador para apresentação de propostas		X										
Definição da linha de pesquisa e estudo de caso		X	X									
Elaboração do esqueleto			X	X	X	X						
Edição						X	X	X				
Revisão da monografia									X	X		
Finalização										X	X	
Preparação para a banca											X	
Apresentação												X



8. Apêndice



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR – TGI
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE) – TGI I (2º S 2012)



AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO

(Audiovisual / Impresso)

Eu, Carlos Maurício Juniors portador do
RG Nº 21239517 e CPF Nº 15260102835
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – nos programas da TV Mackenzie, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 22 de abril de / / .

Carlos Maurício Juniors
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Carla Regina de Azevedo

Adriano de A. Paulino



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR – TGI
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE) – TGI I (2º S 2012)



AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO

(Audiovisual / Impresso)

Eu, LEONARDO VIEIRA SILVA, portador do
RG Nº 020.406.788-9 e CPF Nº 098.221.297-69,
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos
patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano Mackenzie** e para
a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para
utilização – sem fins lucrativos – nos programas da TV Mackenzie, em consultas acadêmicas e
reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação;
sejam eles eletrônicos ou impressos, que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual
assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 22 de Julho de 22 107 1 2018.


Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR – TGI



AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE) – TGI I (2º S 2012)


AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO

(Audiovisual / Impresso)

Eu, MARCO D. FACINETTI, portador do
RG Nº 26.761.443-3 e CPF Nº 212.018.218-29,
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos
patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para
a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para
utilização – sem fins lucrativos – nos programas da TV Mackenzie, em consultas acadêmicas e
reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação,
sejam eles eletrônicos ou impressos, que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual
assino esta autorização.


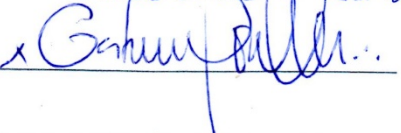
Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 26 de MAIO de 2011, 8.


Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:


Leonardo Santos de Abreu

Gabriel



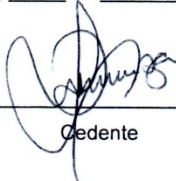
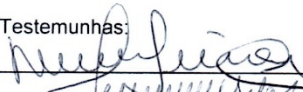
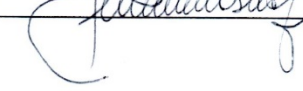
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO – TCC (2º S 2017)
ANEXOS



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO – TCC (2º S 2017)
ANEXOS



ANEXO 6: AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTES)

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO
<p>Eu, <u>REGINA CELIA FERREIRA DE SOUZA</u>, portador do RG N° <u>13.230.671-3SP</u> e CPF N° <u>011.122.598.13</u>, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.</p> <p>Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.</p> <p>São Paulo, _____ de _____ de _____.</p> <p> _____ Cedente</p> <p>_____ Pai ou responsável (se for o caso)</p> <p>Testemunhas:  _____  _____</p>



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR – TGI
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE) – TGI I (2º S 2012)



AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO

(Audiovisual / Impresso)

Eu, Wady Mota da Silva, portador do
RG Nº 20.522.824-X e CPF Nº 365668.81804

autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – nos programas da TV Mackenzie, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação; sejam eles eletrônicos ou impressos, que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 23 de junho de 2018

Wady Mota da Silva
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Wady Mota da Silva
Wady Mota da Silva



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR – TGI
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE) – TGI I (2º S 2012)



AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO

(Audiovisual / Impresso)

Eu, Roberto C. D. S. Santos (Babi Sandoz), portador do
RG Nº 29684600-4 e CPF Nº 317.948.235-49,

autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – nos programas da TV Mackenzie, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 18 de Abri 2018 de ___ / ___ / ___.

[Handwritten Signature]

Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR – TGI
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE) – TGI I (2º S 2012)



AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO

(Audiovisual / Impresso)

Eu, Rogério de Souza Silva, portador do RG Nº 4.739.0633 e CPF Nº 86829603748, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o **Instituto Presbiteriano Mackenzie** e para a **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – nos programas da TV Mackenzie, em consultas acadêmicas e reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação; sejam eles eletrônicos ou impressos, que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 21 de julho de 21/07/2018.

Cedente

Rogério de Souza Silva
Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Renando Verra Silva
Renando de Souza Sorretto



ANEXO 6: AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTES)

AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, SERGIO LUIZ DE ALMEIDA, portador do RG N° 21.730.424-2 e CPF N° 157.122-688-50, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 26 de AGOSTO de 2018.



Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTERDISCIPLINAR – TGI
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO (FONTE) – TGI I (2º S 2012)



AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO

(Audiovisual / Impresso)

Eu, Ronani Rodrigues de Almeida, portador do
RG Nº 08378971-9 e CPF Nº 011.767.037-57,
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos
patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para
a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para
utilização – sem fins lucrativos – nos programas da TV Mackenzie, em consultas acadêmicas e
reproduções, inclusive por outras emissoras, canais de televisão e demais veículos de comunicação,
sejam eles eletrônicos ou impressos, que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual
assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 21 de Julho de 2018.

Ronani Rodrigues de Almeida
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

